

A QUESTÃO DO CONCEITO DE UNIDADE EM SAUSSURE E SUA RELAÇÃO COM A FALADA CRIANÇA COM GAGUEIRA

MARIA TERESA TEANI DE FREITAS CURTI

(IEL, Universidade Estadual de Campinas)

Membro do Grupo de Pesquisa em Aquisição da Linguagem)

RESUMO: Neste trabalho, propõe-se discutir questões linguísticas concernentes à gagueira, considerando-a em relação à fluência/disfluência, vistas aqui como fenômenos distintos, porém relacionados. Na clínica da linguagem, observa-se que a fala com gagueira produz efeito de estranhamento em quem a escuta. Tal efeito dá-se pela “dificuldade” verificada em uma fala, em que unidades são desfeitas e refeitas até a cessação completa do problema, quando o paciente, por exemplo, canta, recita ou representa, brincando ou falando de si para a terapeuta. Na abordagem do fenômeno da fala com gagueira, considera-se aqui que o acontecimento de uma fala, ainda que gaga, é instância na qual se dá o jogo de relações que produz unidades, revelando-se submetida às leis de composição interna da linguagem. A concepção de Saussure, de que unidades são efeito de relações e que sua determinação é reconhecida como problema complexo, abala o que é comum na clínica fonoaudiológica, para a qual a linguagem é tomada como objeto a conhecer e então passível de correção pontual, com base nas unidades possíveis na língua. Na fala com gagueira, as unidades se desfazem e se refazem, dando visibilidade a um fenômeno de linguagem que convoca uma discussão sobre a questão das unidades linguísticas. Esta conduz a admitir, de início, a ordem própria da língua, bem como uma definição de sujeito compatível com essa admissão. Assim, o objetivo deste trabalho é refletir criticamente sobre o fenômeno linguístico em jogo na fala com gagueira e problematizar aspectos das descrições do fenômeno na literatura e na clínica fonoaudiológica (PEREIRA, 2003). Estas, mesmo admitindo seu caráter linguístico, não consideram o sintoma na fala como fato de língua e, tampouco, consideram a singularidade da relação do sujeito como falante de uma língua.

Palavras-chaves: gagueira, corpo e linguagem.

ABSTRACT: This work aims to discuss about linguistic matters on stuttering, considering it in relation to fluency/disfluency, seen here as distinct but connected phenomena. In language clinic, we observe that speech with stuttering produces awkwardness in who listens. Such effect is given by the ‘difficulty’ noticed in a speech in which units are undone e redone until the complete cessation of the problem, when patient, for example, sings, recites or performs, jokes or talks about him/herself to the therapist. In the stuttering speech phenomenon approach, it is considered, in this work, that a speech happening, although stuttered, is the instance in which the relation game that produces units is given, revealing itself submitted to internal language composition laws. Saussure’s conception, which units are a relation effect and that its determination is reckoned as a complex matter, shocks what is common at speech clinic, in which language is taken as an object to be known and then susceptible to punctual correction, based on possible language units. In stuttering speech, units are undone and redone, giving visibility to a language phenomenon that summons a discussion on linguistic unit matters. This conduces us to admit, at first, the proper language order as well as a subject definition compatible to this acceptance. This work’s goal is to reflect critically on linguistic phenomenon in stuttering speech and query the phenomenon description aspects in literature and speech clinic (PEREIRA, 2003). Even considering its linguistic character, usually the speech symptom is not admitted as a language fact and either the singularity of the subject relation as a language speaker.

Keywords: stuttering, body and language.

Este encontro sobre Saussure convidou-me para uma reflexão sobre uma questão pouco desenvolvida, mas muito mencionada na literatura sobre o fenômeno da gagueira: o aspecto linguístico de sua manifestação. Abre-se, aqui, portanto uma reflexão entre campos como a Linguística e a clínica de linguagem; campos que impõem, cada um deles, necessidades e restrições particulares e específicas e que não são muitas vezes conciliáveis.

Para teorizar sobre a gagueira, a área fonoaudiológica recorre ao instrumental da Linguística para a descrição do fenômeno e acaba fazendo uma redução, torna-se um instrumento de descrição da fala do sujeito na qual se busca regularidades. No caráter de cientificidade da Linguística, implica-se a descrição da linguagem como uma estrutura formal. Mas, para que isso aconteça, é necessário o estabelecimento de procedimentos e de critérios adequados. A postulação de uma proposição universalizável sobre a língua inclui os princípios da distinção e da estratificação em níveis, conforme apontado por Benveniste (1964/1976) e Milner (1989).

Nesse procedimento de análise, a noção de nível é, então, considerada essencial na delimitação dos elementos “só ela é própria para fazer justiça à natureza *articulada* da linguagem e ao caráter *discreto* dos seus elementos” (BENVENISTE, 1976, p. 127, ênfase do autor). Não podemos deixar de mencionar que a configuração de um aparato teórico-metodológico que possibilitasse abordar questões referentes ao estabelecimento de unidades no interior do sistema é um ponto sobre o qual Saussure dedicou alguns capítulos no *Curso de Linguística Geral*, alertando sobre a dificuldade de sua delimitação na língua.

O acontecimento de uma fala, ainda que gaga, é instância em que se dá o jogo de relações que produz unidades, revelando-se submetida às leis de composição interna da linguagem. No campo na clínica da linguagem, a fala com gagueira traz um problema impossível de não produzir efeito de estranhamento em quem a escuta. Tal efeito dá-se não só pela visibilidade da dificuldade em sua fala, em que unidades são desfeitas e refeitas, como também pela cessação completa da dificuldade, quando os falantes gogos cantam, recitam, representam, brincam, ou falam de si para a terapeuta de momentos já vivenciados por eles, situação em que eles não gaguejam.

Nas abordagens sobre essa patologia de linguagem, mesmo admitindo seu caráter linguístico, o sintoma na fala não tem sido considerado como fato de língua e, tampouco, o sujeito como um falante. As pesquisas sobre gagueira buscam certa homogeneização da língua, ao tentar descrevê-la em relação à fluência e disfluência de fala. No entanto, isto nos parece inapropriado, já que não há um padrão de fluência ideal, somente falas que são disfluentes tanto na fala dita “normal” quanto na com gagueira.

Sobre essa questão, citamos, aqui, Scarpa (2006). Essa pesquisadora aponta que as categorias utilizadas para a mensuração da fala infantil têm sido as mesmas empregadas para o fenômeno de fluência/disfluência na fala adulta. Ela nos alerta ainda que alguns pesquisadores em psicolinguística tentam estabelecer critérios de previsibilidade de taxas de incidência de disfluência, o que acaba levando, mais uma vez, a uma explicação deslocada para um domínio fora da língua, por exemplo, o cognitivo: do planejamento e o do processamento linguístico.

Esses são dois pontos importantes a serem mencionados, uma vez que são fatos semelhantes que verificamos na mensuração da gagueira. E não poderia ser diferente: vários pesquisadores sobre este fenômeno ainda acreditam que é possível identificá-la com segurança baseando-se em critérios de fluência/disfluência de fala.

Uma questão muito comentada e muito frequente na clínica é a ideia de que o gago sabe onde, quando e como vai gaguejar, o que levaria o falante gago a desenvolver “estratégias” ou “compensações” para contornar os momentos de gagueira. Esse “saber do falante”, tese defendida por Pereira (2003), coloca o sujeito na condição de senhor da própria fala, mas ainda assim - fato interessante - sem ser capaz de evitar a gagueira.

A partir de um outro lugar teórico, Andrade (2006) observa que há uma centralidade da percepção no campo da Fonoaudiologia, tanto no que diz respeito aos modelos explicativos de condições sintomáticas, quanto ao desenvolvimento de procedimentos terapêuticos. Segundo a autora, este campo tende a tomar a linguagem como um objeto a conhecer, que pode ser naturalmente apreendido por um indivíduo devidamente dotado de capacidade perceptuais e cognitivas. Nesse sentido, a relação criança-outro-linguagem é desconsiderada, já que esta última é assumida como objeto cujas propriedades podem ser diretamente apreensíveis na superfície da fala.

Com essas considerações, a autora afirma que a fala, para a Fonoaudiologia, “se reduz a uma sucessão de elementos discretos e discerníveis que estimulam um aparato perceptual já preparado para exercer funções de captação e processamento” (p. 201). Assim, numa perspectiva como essa, a questão metodológica central gira em torno do estabelecimento de unidades perceptuais mínimas para a fala, ou seja, unidades sonoras, e o falante acaba sendo reduzido a um aparato perceptual ou, segundo a observação da autora, “uma máquina de captura e processamento do estímulo externo” (p. 202).

A descrição da gagueira realizada por Curlee e Siegel (2001), em uma visão psicolinguística, vem reforçar os argumentos mencionados acima. Eles consideram, primeiramente, que a gagueira é um fenômeno qualitativamente diferente da disfluência normal de fala; no entanto, os autores não conseguiram demonstrar diferença qualitativa entre ambas. Procuraram enfocar, pois, de modo quantitativo, a frequência e localização dos momentos de gagueira. Mesmo tentando identificar a dificuldade da gagueira, por meio de critérios de incidência de gagueira em uma base linguística, esses pesquisadores acabaram por sair do âmbito linguístico, recaindo - também eles - em outros domínios, como no cognitivo: no planejamento e processamento linguístico.

Fato semelhante também aconteceu com Pereira (op. cit.), que realizou uma análise linguística - precisamente fonética - focalizando a gagueira à luz de diferentes teorias de produção de fala e estudando o efeito do contexto fonético, da estrutura fonológica e sintática na disfluência do gago. Essa autora acredita que a gagueira tem uma base linguística e resultaria de um impedimento momentâneo à produção articulatória de uma palavra específica durante o processo de produção da fala¹.

¹ Pereira (2003) defende que a natureza deste impedimento é desconhecida e levanta três possibilidades:

A - uma ruptura momentânea, na transmissão da informação elaborada no nível de codificação fonológica para o nível articulatório;

B - uma lentidão na elaboração do plano fonético processado no nível da codificação fonológica; e

C - uma dificuldade na tradução dos dados especificados no plano fonético em comandos motores para os movimentos articulatórios.

Para a investigação das hipóteses acima explicitadas, as disfluências foram pesquisadas em relação a algumas categorias linguísticas, a saber: 1- o tamanho da palavra onde a disfluência foi encontrada; 2- o tipo de palavra (se lexical ou funcional), a estrutura silábica; 3- a posição do acento; 4- o fonema; e 5- a posição da disfluência na sílaba na palavra e no enunciado.

Como explicar o fato de o sujeito conseguir ou não conseguir falar em diferentes situações discursivas? E, ainda, como entender as três possibilidades arroladas por Pereira para entender a dificuldade de fala na gagueira, a ruptura momentânea, a lentidão, a dificuldade na tradução? Não nos parece possível admitir uma dificuldade articulatória ou de produção se a criança é capaz de falar, se ela pode produzir (o que supunha ser incapaz): parece-nos que a explicação da dificuldade encontrada pela criança não pode ser entendida somente por uma disfunção articulatória. O fato de o falante conseguir falar os fonemas em outras situações anula completamente a tese de disfunção.

Não nos estenderemos, neste momento, sobre as conclusões de Pereira, que, aliás, são parcialmente coincidentes com os relatados por Curlee e Siegel, anteriormente mencionados. Mas podemos dizer que discordamos, essencialmente, de sua análise quando ela estabelece os “lugares” em que a gagueira aparece: na maioria dos fones oclusivos, tanto no prolongamento, tentativas/fone e oclusão glotal.

Há que se reconhecer que em nenhum momento foi levantada, por aqueles autores, a relação dos fonemas em uma dada língua, relação essa que encontramos no trabalho de Albano (2001)². Em seu estudo, a autora apresenta a frequência das configurações gestuais de coda do português brasileiro, indicando que há maior prevalência de alguns gestos em relação a outros. Este encontro justificaria a aparente “preferência” pela gagueira em determinados sons, pois esses fonemas são os mais falados na nossa língua.

Ao contrário dos achados de Albano, Pereira (op.cit.) observou que o falante gago, quando não consegue produzir uma palavra, apresenta comportamentos linguísticos variados. Ela apresentou, em seu trabalho, as regularidades dessa fala com gagueira, afirmando que o tipo de disfluência produzida não é aleatório, pois a maioria dos *loci* dos eventos de gagueira, segundo a autora, ocorre no início das estruturas linguísticas - palavras e frases.

Apoiada em estudos como os de Bloodstein (1993) e de Ratner (1997), Pereira acabou por sugerir que a gagueira é “linguisticamente condicionada” (p. 32). Em alguns dos pacientes de sua casuística, a dificuldade da fala localiza-se no momento da programação da articulação e não tem nenhuma relação com os processos de elaboração do enunciado que ocorre nos níveis de seleção lexical, processamento sintático e semântico.

No entanto, pode-se questionar: se a gagueira for vista como sendo “linguisticamente condicionada”, como pensar a fala da criança? Na concepção de Pereira, parece haver garantias sobre quais os sons levam o falante à gagueira. A saliência perceptual ou uma determinação cognitiva seriam os determinantes para o acesso do falante à fala e a linguagem.

Abordar a fala com gagueira é colocar em evidência a heterogeneidade da fala da criança, conforme se verifica nos trabalhos sobre as falas sintomáticas desenvolvidos pela pesquisadora Lier-De Vitto (2006). Ela expõe a heterogeneidade nas falas patológicas em suas múltiplas faces, quais sejam: (1) a da não coincidência de uma fala consigo mesma; (2) a da não coincidência dessa fala com a da massa falante; (3) a da não coincidência entre falas de crianças e falas sintomáticas de crianças; (4) a da não coincidência entre falas sintomáticas num mesmo quadro de linguagem (p. 191).

² Para a Fonética articulatória, a unidade fonético-fonológica por excelência é o gesto articulatório, uma oscilação abstrata que especifica constrições no trato vocal e induz os movimentos dos articuladores.

A respeito da fala, Albano diz que o fato de saber pronunciar uma palavra ou expressão é, em primeiro lugar, conseguir mobilizar fisicamente os gestos fônicos que a compõem (p. 52).

Trazemos um dado clínico de L., uma criança que à época da gravação contava com 3:10 de idade. Nosso objetivo, ao trazer o episódio a seguir, é iluminar as questões discutidas em relação a fala com gagueira até o momento.

Episódio 1

Terapeuta e a criança L desenhando no chão:

T: Se eu colocar um prédio assim (desenhando), uma porta aqui e escrever escola. Que escola é essa?

L: **É do Tiago. Não é minha não (aponta para o desenho)**

T: Como chama a sua?

L: **Pe, Peteieco** (bloqueio e repetição da sílaba).

T: (continua o desenho) Uma porta aqui e vou colocar a letra P

Que escola é essa? (a terapeuta escreve a letra P em cima da porta)

L: **Peteieco é o P (apontando para o desenho) pe – te – ie – co (silabando)**

T: Quem estuda na Escola Comunitária?

L: **O Tiago. Na ecola do Tiago não tem isso (aponta para o telhado).**

Nesse episódio, vale assinalar que a palavra “Peteleco” circulou em muitos momentos da fala da criança, nesse episódio e em outras sessões, e que, em cada emissão, ela foi produzida de uma maneira distinta. É importante salientar que não reconhecemos uma dificuldade articulatória na fala da criança, e, visto que a palavra Peteleco foi emitida ora com gagueira, ora sem dificuldade, reforçam-se as hipóteses levantadas por Lier-De Vitto em relação aos fenômenos das falas sintomáticas.

Os trabalhos de Pereira (op.cit.) e de Curlee e Siegel sobre a gagueira negligenciam uma característica importante da produção linguística dos falantes de uma língua, qual seja, a de que um ato enunciativo não se repete. Nesses trabalhos, o modelo de análise linguística utilizado por esses autores é uma Linguística que dissocia a língua em elementos isolados e que não leva em conta a enunciação, mas somente as unidades categoriais da língua como palavras e fonemas, considerados como *locus* da dificuldade do falante gago.

Para Saussure (1969), as unidades devem ser tomadas como efeitos de relações. Elas só podem ser apreendidas no jogo dessas relações que as produzem. A questão da percepção é, então, abalada porque sendo efeitos de relações as unidades não se deixam apreender enquanto substância sonora. Isto põe em xeque a ideia de um aparato perceptual apto a segmentar unidades discretas no fluxo sonoro. Não é possível prever quais unidades discretas da fala - fones, palavras ou fragmentos - seriam apreendidas pela criança. Não há percepção pronta e nem uma determinação cognitiva, mas existe a própria articulação – sempre singular – do sujeito na linguagem.

O percurso da criança na linguagem apresenta-se marcado pela incerteza, pela imprevisibilidade na ordem de emergência das unidades no encadeamento da fala. É o que podemos observar tanto no processo de aquisição de linguagem como na experiência clínica. Andrade (2006) chama ainda a atenção para o gesto de Saussure de afastar o sujeito psicológico - da percepção e da cognição – do cerne de sua reflexão, “abrindo um caminho para uma *escuta* da fala, ou seja, para as operações da língua que nela ocorrem” (p. 204, ênfase da autora).

Este é o caminho que procuramos seguir ao analisar a fala infantil, que revela a heterogeneidade das manifestações linguísticas da criança com gagueira. Tal enfoque promove reflexões sobre o processo pelo qual a criança passa a ser falante, capturada pela língua materna por meio da interação com o outro - aquele que interpreta a fala da criança e a introduz na língua constituída. Tal perspectiva também traz subsídios para a análise da questão dos erros, da heterogeneidade da fala inicial da criança.

Questões levantadas por De Lemos (2002), a partir de uma leitura de Saussure, obrigam “(...) a procura de uma definição clara de sujeito que seria compatível com a concepção de língua na teorização da Linguística” (p. 64). Admitindo o projeto saussuriano, no qual a língua não é objeto de conhecimento (propriedades linguísticas não são observáveis), entende-se que não é possível sua apreensão por generalização indutiva; não há nenhuma entidade linguística, entre as que são dadas, que seja simples, mesmo reduzida à sua mais elementar expressão.

Saussure (1969, p. 120) exige que se leve em conta, ao mesmo tempo, um signo e uma significação. Para o autor, contestar ou esquecer essa dualidade equivale diretamente a privá-la de sua existência linguística, atirando-a, por exemplo, ao domínio dos fatos físicos. Ao tratar da delimitação de unidades no contínuo sonoro, Saussure vê-se obrigado a recorrer à fala e, conseqüentemente, ao falante. Não se pode falar de unidades linguísticas sem se admitir, simultaneamente, uma organização própria da língua. Segundo Saussure, a questão da identificação das unidades linguísticas é tão complexa quanto a sua segmentação, o que revela a dificuldade de se provar que a mesma unidade está presente em dois atos de fala diferentes.

Nesse ponto, entra em questão a teoria do valor, a qual nos permite compreender por que a identificação das unidades linguísticas traz à tona a noção de estrutura linguística. Para Saussure é impossível ver que a palavra, em meio a todos os usos que dela se faz, seja algo dado, que se imponha ao falante como a percepção de uma cor; admitir a forma fora de seu emprego é cair na figura vocal que pertence à fisiologia e à acústica.

Assim, é possível criticar a posição de Pereira quando ela faz um elenco de fonemas que privilegiadamente levariam à gagueira. Como será possível observar no dado discutido neste trabalho, não se trata de uma questão acústico-perceptual, mas de diferentes “modos de emprego” de uma determinada forma linguística no discurso como nos esclarece Saussure.

De Lemos (1982, entre outros), Andrade (2003), Lier-De Vitto (2004) e Silveira (2006) destacam que a fala da criança sem dificuldade “em virtude do seu caráter marcadamente heterogêneo, é imprevisível – parece resistir a tal busca de regularidades” (LIER-DE VITTO & CARVALHO, 2008, p. 22, nota 37). É especialmente significativo salientar que, a partir de Saussure, o interacionismo indicou um novo rumo para a reflexão sobre as unidades linguísticas na aquisição de linguagem pela criança, a partir dos efeitos de funcionamento da língua na sua fala.

Para Lier-De Vitto & Carvalho, Saussure é invocado pelo fato de ele oferecer uma visão de linguagem compatível tanto com as questões epistemológicas quanto com os argumentos empíricos do interacionismo. Nas palavras das autoras, “Saussure foi uma saída da descrição – Cláudia Lemos propôs abordar *la langue* e seu funcionamento nas falas imprevisíveis e altamente heterogêneas da criança, falas resistentes, como temos insistido e procurado mostrar” (idem, p. 16).

Assim, podemos concordar com Saussure que a língua não é uma nomenclatura, uma lista de palavras, mas um sistema, no qual tudo se articula. A consideração do autor nos mostra que as unidades da língua, sejam elas palavras ou unidades menores como os fonemas, não são acessíveis a uma percepção direta. As unidades são efeitos de relações e, portanto, só podem ser aprendidas no jogo de relações que as produzem.

Não podemos deixar de mencionar que a língua tem uma ordem própria e que o falante encontra-se a ela submetida. Contudo, esta concepção de língua rompe também com a ideia de um falante que, da posição que lhe é dada pelo ato de falar, escolhe, decide, controla o que da língua escorre para sua fala (DE LEMOS, 1998). Notamos, então, o impasse da unidade linguística, uma vez que tanto a Fonoaudiologia quanto a Psicolinguística buscam a totalidade no que diz respeito à descrição dos fonemas em que os falantes gogos apresentam maior dificuldade; por outro lado, encontramos em Saussure uma posição radical: unidade é uma ficção.

Segundo Porge (2006)³, Saussure, em seus *Escritos*, concebe que a própria linguagem é estruturada como um corte e, em todo o momento de sua pesquisa, pode-se deparar com estes cortes na língua que os chamou de delimitações, mas que o próprio Saussure a qualifica de imaginários. Citemos Saussure, presente no texto de Porge: “Como não há nenhuma ‘unidade’ (de qualquer ordem e de qualquer natureza que se imagine) que repouse sobre outra coisa que não sejam diferenças, em realidade a unidade é sempre imaginária, só a diferença existe” (p. 13).

Ainda seguindo o texto de Porge, “a positividade do signo, da combinação do significante e do significado, é uma ‘ficção’ sem dúvida necessária, mas, de qualquer modo, ficção” (idem). Nesse sentido, a fala com gagueira é singular e não poderíamos deixar de colocar em evidência a proliferação de cortes na fala do sujeito gago, que acabam afetando o pesquisador que busca analisar essa fala e que não pode deixar de ser afetado por ela. Como então lidar com essa impossibilidade na delimitação de suas unidades?

Nesse ponto, para melhor se dar conta da dificuldade na delimitação dos elementos, relembro Pereira de Castro comentando Saussure, ao tratar da ilusão da proximidade da linguagem. Essa autora conclui que o investigador deve se interrogar constantemente sobre o método de aproximação do seu objeto, para que seja guardada toda antecipação com relação aos fatos a analisar. Os fatos de linguagem, diz Saussure, são “tão próximos a nós, mas na mesma medida, tão difíceis de captar em sua essência” (SAUSSURE, in BOUQUET, 1997, p. 192, *apud* PEREIRA DE CASTRO, 2009, p.17).

Sem dúvida essa é uma dificuldade que o pesquisador encontra diante de uma fala resistente, sintomática, como a gagueira e que nos convoca a outras questões sobre esse fenômeno, à luz da teoria Saussuriana, e sobre a qual a experiência clínica com pacientes com gagueira nos leva a indagar. Outro aspecto difundido é o de que a gagueira ocorre no início das palavras. Cada vez que ela ocorre, há uma segmentação da palavra, um corte, que desfaz e refaz suas unidades. A palavra não é mais a mesma, é um novo ato de enunciação e um novo começo para o falante.

³ Texto de Erik Porge, *A Sessão Clínica*, traduzido por Sandra Dias Loguercio (Porto Alegre, novembro de 2006).

Observamos o diálogo de um paciente gago com a terapeuta. Ele diz:

- Eu trabalho na “ Uni//” - e completa: - “Universidade”.

A terapeuta pergunta:

- O que aconteceu?

- Ia dizer Unicamp, mas senti que não ia dar e mudei para universidade.

Note-se, aqui, que há uma interrupção e uma retomada do início da palavra com uma troca por uma outra palavra. Embora momentaneamente a estratégia pareça dar certo, nem sempre ela é garantia de sucesso. Poderíamos citar uma série de dados clínicos como contraponto aos argumentos que colocam o falante na origem da sua fala - daquele que decide entre palavras que quer ou não dizer.

Pisaneschi (2001) salienta que as substituições e evitações são governadas pela língua, pela trama estrita das associações da rede significante e são governadas pelo jogo de referências internas da linguagem. Na fala do sujeito gago, não se pode nem mesmo falar em dominância de uma posição sobre a outra: “menos que dominâncias, há intermitências na posição sujeito-fala” (FONSECA, 2002, p. 202).

É interessante enfocar aqui o episódio do diálogo entre paciente e terapeuta, “*Uni// universidade*”, em que ele intencionava dizer *Unicamp*, mas mudou para *Universidade*. Tomando o diálogo acima, há que se lembrar o que Saussure (1971) ensina:

“No discurso, os termos estabelecem entre si, em virtude de seu encadeamento, relações baseadas no caráter linear da língua, o que exclui a possibilidade de pronunciar dois elementos ao mesmo tempo”. (...) “Colocado num sintagma, um termo só adquire seu valor porque se opõe ao que o precede ou ao que o segue, ou a ambos” (p. 142).

Nesse episódio, a substituição de palavra realizada pelo paciente baseou-se em uma relação no eixo associativo da língua pelo elemento comum aos dois termos, o radical “uni”. Podemos também explicar essa associação pela analogia dos significados (*Unicamp*, *Universidade*). Um determinado termo, diz Saussure, “é o centro de uma constelação, um ponto para onde convergem outros termos a ele relacionados e cuja soma é indefinida” (p. 146).

Continuando as considerações de Porge, que toca diretamente à constituição do signo linguístico e lembrando o diálogo acima apresentado, podemos depreender das palavras de Saussure que só há diferenças de formas e de significações:

“Não há *a* forma e a ideia correspondente. Há *as* formas e *as* significações possíveis (de modo nenhum correspondentes), há mesmo somente, em realidade, *diferenças* de formas e *diferenças* de significações; por outro lado, cada uma dessas ordens de *diferenças* (consequentemente de coisas já negativas nelas mesmas) só existe como diferenças graças à união de uma com a outra” (p. 13).

Essa é a relação que merece atenção e que distingue as pesquisas sobre a gagueira. Podemos realizar uma notação dos fonemas, uma vez que esse tipo de descrição preenche um requisito básico da análise, ou seja, observando as palavras de Benveniste (1976): “uma unidade linguística só será recebida como tal se se puder identificar em uma unidade mais alta. A técnica da análise distribucional não põe em evidência esse tipo de relação entre níveis diferentes”. E mais adiante, no mesmo texto, o autor completa: “Do fonema passa-se

assim ao nível do *signo*, identificando-se este, segundo o caso, a uma forma livre ou a uma forma conjunta (morfema)” (p. 131, ênfase do autor).

Em Saussure, encontramos a questão fundamental que dá sustentação à reflexão sobre as unidades linguísticas e que não nos deixa ignorar a sua repercussão na análise da gagueira. Citemos o autor no momento em que fala sobre a teoria do valor:

Se a parte conceitual do valor é constituída unicamente por relações e diferenças com os outros termos da língua, pode-se dizer o mesmo da sua parte material. O que importa na palavra não é o som em si, mas as diferenças fônicas que permitem distinguir essa palavra de todas as outras, pois são elas que levam a significação (CLG, p. 136-137).

Vemos através dessa afirmação que os signos só têm identidade na relação que entretêm com os outros e assim podemos observar a aplicação desse pressuposto em relação à unidade:

Aplicado à unidade, o princípio de diferenciação pode ser assim formulado: os caracteres da unidade se confundem com a própria unidade. Na língua, como em todo sistema semiológico, o que distingue um signo é tudo que o constitui. A diferença é o que o constitui. A diferença é o que faz a característica, como faz o valor e a unidade. (CLG, p.140-141).

Retomemos, ainda, Benveniste (1976), no seu capítulo sobre os níveis de análise linguística. Este autor defende que o procedimento de análise inclui duas operações que se comandam uma à outra e das quais todas as outras dependem: a segmentação e a substituição. Vamos nos deter na substituição que nos dará subsídios para a continuação da nossa reflexão sobre a gagueira e na proposta que queremos encaminhar. A substituição é considerada por Benveniste (1976) como uma operação no procedimento de análise, e o que nos chama a atenção é justamente a diferença entre a segmentação e a substituição no campo de sua aplicação. Citemos aqui o autor:

Segmentação e substituição não têm o mesmo alcance. Os elementos identificam-se em função de outros segmentos com os quais estão em relação de capacidade de substituição. A substituição, porém, pode operar também sobre os elementos não segmentáveis. Se os elementos segmentáveis mínimos se identificam como *fonemas*, a análise pode ir além e isolar no interior do fonema *traços distintivos*. Esses traços distintivos do fonema, porém, já não são segmentáveis, embora identificáveis. Em [d] reconhecem-se quatro traços distintivos: oclusão, dentalidade, sonoridade, aspiração (p. 128, ênfase do autor).

Essa operação citada por Benveniste nos remete a outro trabalho o de Fontaine (2002) em seu artigo “A implantação do significante no corpo”, em que o autor mostra o interesse da psicanálise em conservar essa definição de fonema. Isso se deve pelo fato de a definição de fonema fazer aparecer uma função fora de toda significação. É importante mencionar dois pontos destacados pelo próprio Fontaine na extensa discussão de Jakobson sobre o fonema na língua. O primeiro é o traço distintivo enquanto tal, isto é, o “fonema fora de sentido”. Nas palavras de Jakobson, “(...) os traços distintivos e seus feixes concorrentes e sequência diferem de todos os outros constituintes da língua pela ausência neles de qualquer significação própria e imediata” (JAKOBSON, 1991, *apud* FONTAINE, 2002, p. 156). Para Fontaine, “seu único *signatum* é o da pura alteridade. É isso que se escuta, por assim dizer, antes de significação” (*ibidem*).

O segundo refere-se à “função do traço diferencial”, ou seja, o seu papel na língua como “traço referencial do sentido”. É daí que se organizam “as invariantes de estrutura para cada língua”. Elas são “inerentes ao código subjetivo, isto é, a competência efetiva, talvez inconsciente dos membros da comunidade linguística” (*ibidem*). Note-se a importância dessas observações quando se depara com o “saber fazer com a língua” dos pacientes gagos nas substituições observadas constantemente na clínica. Isso que se mostra como um “saber fazer” é o “saber da própria língua”, que captura o falante ao longo do processo de aquisição de linguagem.

Fontaine atém-se, mais estreitamente, ao eixo principal das localizações corporais dos pontos de articulação em que as consoantes encontram sua função no corpo, ou seja, as localizações em que a coluna de ar encontra-se escandida (velares, fricativas, guturais etc.). Parece essencial, segundo ele, notar que as localizações corporais não representam senão um dos casos possíveis pelos quais a “sensorialidade” – o conjunto polimorfo da sinestesia dita proprioceptiva – encontra-se implicada como espaços em que ela pode tentar se inscrever.

Tomaremos a palavra de Fontaine: “O tempo mudo da sílaba tem um lugar localizado corporalmente. A dificuldade é manter unida essa dupla referência do que se inscreve corporalmente pelo som e pela escansão” (*idem*, p. 166). As vogais não apresentam, para ele, marcas que as diferenciam (massas plásticas e informes). Por outro lado, as consoantes apresentam uma localização corporal. Fontaine esclarece que, para que haja o efeito de escansão, não se trata de a parada da coluna de ar localizar-se exatamente no corpo.

Assim, podemos observar que, nas operações realizadas pelo falante gago no diálogo apresentado anteriormente – a da vizinhança articulatória - como nos casos de Unicamp// Universidade, a possibilidade de mudança está marcada sobre (em) o corpo. Do mesmo modo, de uma língua a outra tampouco há uma diferença muito significativa. A vizinhança na localização corporal em que se dá a ruptura do som é suficiente – gutural ou velar.

Tal abordagem de Fontaine pode ser utilizada para o falante gago, nas mudanças que ele realiza em sua fala, já que ele está sob o efeito da língua. O traço, o gesto sonoro ou ruído, assim chamados por Foucault (2009)⁴, estão inscritos no corpo do falante e é a partir deles que se torna possível realizar as alterações de palavras. Um fato relevante anotado por Fontaine é que este traço não está inscrito no sentido exato da homofonia, mas na função de participação corporal que introduz uma marca temporal. Vale acrescentar que o falante com gagueira não utiliza apenas um tipo de “leitura” da letra, mas também recorre aos sentidos similares das palavras; apoia-se na vizinha articulatória – como podemos observar no diálogo apresentado em que de Unicamp passa para universidade, na assonância ou na semelhança articulatória.

No enunciado produzido pelo paciente, observamos que a oclusão pôde ser substituída pela fricção. Além disso, há que se observar que, na gagueira, outras relações com o corpo devem ser consideradas, como o acento, o ritmo. Em nosso trabalho, notamos que a gagueira ocorre em todos os fonemas da língua – as vogais são contaminadas pela constricção no trato vocal da consoante anterior e/ou posterior - colocando em evidência essa ordem “pouco natural” da linguagem oral. É essa localização nesse tempo mudo da consoante que permite dizer de um modo possível de implantação do significante no corpo. Como observa Fontaine

⁴ Cf. capítulo intitulado “O Ruído das Coisas ditas”, p. 306.

(2002), “não se trata mais de saber como o signo se torna significante, mas de entender como alguma coisa da linguagem ressoa no corpo” (p. 163).

Antes de finalizar nossos comentários, há que se voltar a atenção para o modo como a linguagem ressoa no corpo. Neste sentido, concordamos com o autor quando se afirma que o corpo inteiro é tomado nessa dor; é o que observamos nos casos acompanhados na clínica, em que o falar é sofrido, é *uma tortura* como nos diria um falante que apresenta gagueira. É como se o sujeito tivesse se reduzido ao corpo; o que se vê nesses meandros da relação do falante gago com a sua fala é justamente o aparecimento de sintomas, que afetam o funcionamento do corpo, colocando em evidência o sujeito preso, congelado nessa posição na gagueira.

Nisso a gagueira é singular: é no momento em que o sujeito falante precisa tomar a palavra como tal, assumir a sua autoria, que a sua execução falha, o corpo se mostra paralisado e fixo em uma posição - a de ser gago. Colocar em discussão o sintoma na fala infantil - a qualidade específica da dificuldade na gagueira, no caso, as tensões e a constrição do trato vocal nas consoantes, são indícios de que há uma questão que interfere na aquisição da linguagem pela criança. Tais rastros, quais sejam, perturbações que a criança enfrenta no real da fala, colocam-se, não como um comportamento observável, um sinal, mas como um enigma a ser decifrado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBANO, E. C. *O Gesto e suas Bordas*. Campinas: Mercado das Letras, 2001.
- ANDRADE, L. “Captação ou Captura - considerações sobre a relação do sujeito à fala”. In: LIER-DE VITTO, M. F. e ARANTES, L. (orgs.) *Aquisição, patologias e clínica de linguagem*. São Paulo: EDUC, FAPESP, 2006, p. 201-218.
- BENVENISTE, E. *Problemas de Linguística Geral*. Campinas: Pontes, 1976.
- BOUQUET, S. *Introdução à Leitura de Saussure*. São Paulo: Cultrix, 1997.
- CURLEE, R. F. e SIEGEL, G. M. *Nature and treatment of Stuttering*. Second edition, 2001.
- DE LEMOS, C. T. G. *Sobre a Aquisição da Linguagem e seu dilema (pecado) original*. Boletim da Abralín, 3. Recife: Ed. UFP, 1982.
- _____. *Interacionismo e aquisição de linguagem*. D.E.L.T.A., vol. 2, n. 2, 1986.
- _____. “A criança com (o) ponto de interrogação”. In: *Aquisição de linguagem, questões e análises*. Letras de Hoje. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999, p. 39-50.
- _____. *As vicissitudes da fala da criança e de sua investigação*. Cadernos de Estudos Linguísticos, v. 42. Campinas: Editora da Unicamp, 2002, p. 41-69.
- FONTAINE, A. *A implantação do significante no corpo*. Tradução Viviane Veras. In: Revista Literal, v. 5. Escola de Psicanálise de Campinas, 2002, p. 145-168.
- FOUCAULT, M. “O Ruído das Coisas Ditas”. In: *Estética: Literatura e Pintura, Música e Cinema*. Coleção Dito & Escritos III. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 2009, p. 306.
- LEMOS, M. T. *A língua que me falta: uma análise dos estudos em aquisição de linguagem*. Campinas: Mercado de Letras, 2002.

CURTI – A questão do conceito de unidade em saussure e sua relação...

- LIER-DE VITTO, M. F. e ARANTES, L. (orgs.) “Patologias da linguagem: sobre as ‘vicissitudes de falas sintomáticas’”. In: *Aquisição, Patologias e Clínica de Linguagem*. São Paulo: Educ/FAPESP, 2006.
- _____. “Patologias da Linguagem: subversão posta em ato. Apontamentos sobre o corpo da linguagem”. In: LEITE, N. V. de A. *Corpolinguagem: gestos e afetos*. Campinas: Mercado de Letras, 2003.
- _____. “Sobre a posição do investigador e a do clínico frente a falas sintomáticas”. In: *Letras de Hoje*, v. 39. Porto Alegre: Edicpcrs, 2004, p. 47-60.
- LIER-DE VITTO, M. F. & CARVALHO, G. M. M. “Interacionismo: um esforço de teorização em Aquisição de Linguagem”. In: FINGER, I. & QUADROS, R. *Teorias de Aquisição da Linguagem*. Florianópolis: Editora da UFSC; no prelo.
- PEREIRA DE CASTRO “Sobre a constituição dos *corpora* no campo da aquisição da linguagem”. In: *Revista Organon*, nº 46, vol. 23. Porto Alegre: UFRGS, 2009, p. 15-25.
- PEREIRA, M. *Análise Linguística da Gagueira*. Tese de doutorado. Minas Gerais: Editora AM3, 2003.
- PISANESCHI, É. *Gagueira: disfluência sintomática*. Dissertação de mestrado. São Paulo: PUC, 2001.
- PORGE, *La sexion clinique*. In : *Psychanalyse n. 7: La clinique Psychanalytique Contemporaine : Érés* Editions, octobre, 2006, p. 5-25. *A Sexão Clínica*, tradução Sandra Dias Loguercio. Porto Alegre, novembro de 2006.
- SCARPA, E. “Sobre o sujeito fluente”. In: *Cadernos de estudos linguísticos*, 29. Campinas: Ed. UNICAMP, 1995, p. 163-184.
- SAUSSURE, F. *Curso de Linguística Geral*. São Paulo: Cultrix, 1969/1971.
- _____. *Escritos de Linguística Geral*. São Paulo: Cultrix, 2002.